

QUINTA-FEIRA
Lisboa--26 de Maio-1927

5 ESCUDOS

2.º ANO

53

sempre

five

semanário
humorístico

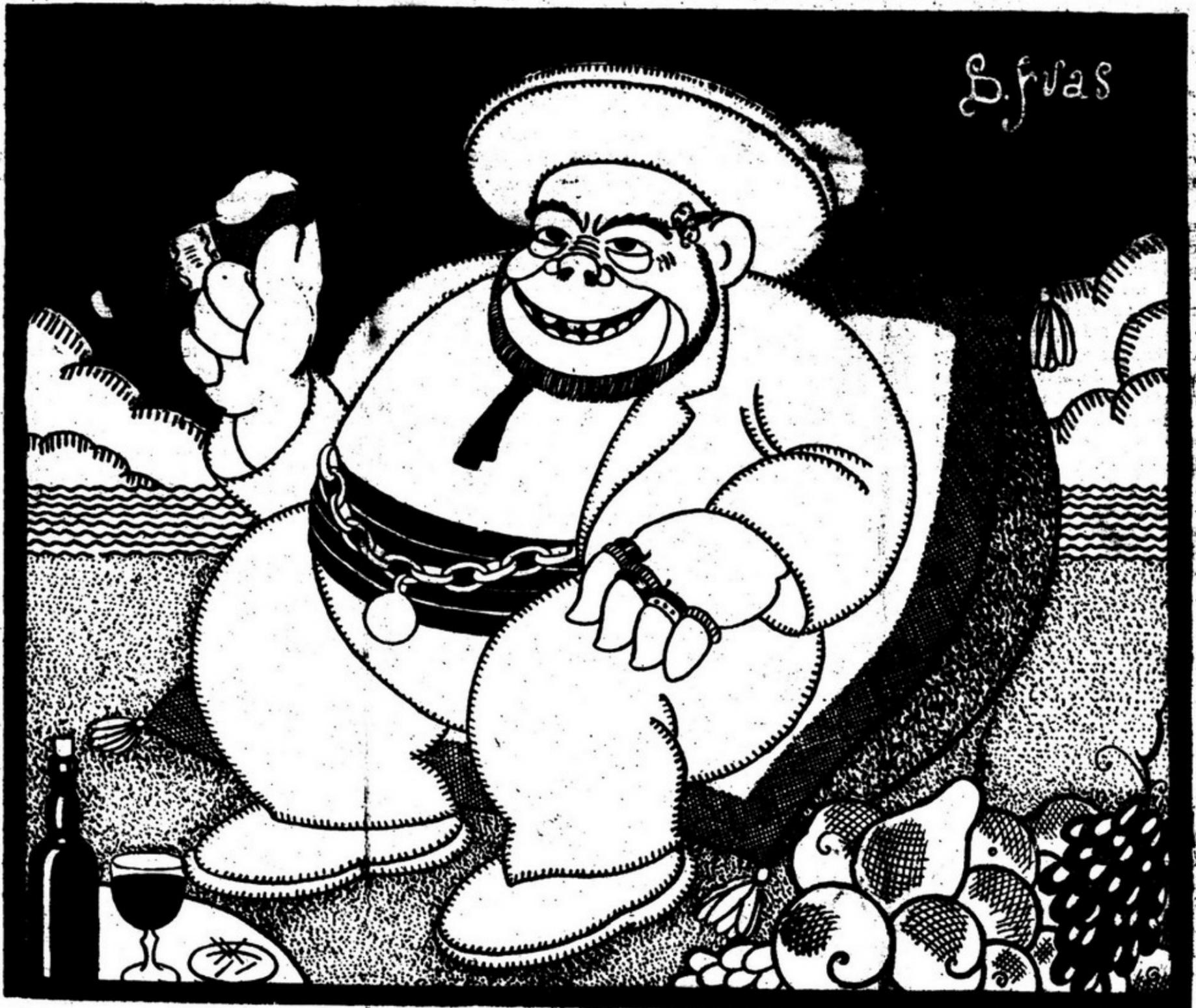


Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

DIAS FELIZES



-- Nunca estive tão bem como agora. Qualquer dia rebento de felicidade...

St. vanc
'a Brit



Os ditos da semana



Lisboa despova-se pará ir ás Larangeiras ver a Aldeia dos Macacos, como se esta Lisboa que está, a toda a hora, debaixo dos nossos olhos, não fôsse tambem uma grande aldeia de macacos. Para que a semelhança seja absoluta, até o sr. Raul Lino, architecto da aldeia do Jardim Zoologico, é o mesmo que anda a edificar predios neste jardim da Europa á beira plantado, para nós habitarmos.

Grotescos somos nós todos, ainda mesmo aqueles que se dão ares de grandes senhores e os nossos esgares não são nada inferiores aos da população da nova aldeia das Larangeiras.

Lá, como cá, quando chega a hora do rancho, todos se engalfinham e ninguem ousará afirmar que ha mais compostura, mais comedido nas nossas disputas perante um prato de bifés, do que no Jardim Zoologico em frente dum cartucho de pevides.

A diferença, a unica diferença sensível, consiste em que nós nos damos ares, nos empertigamos, nos arrebicamos para simular o que não somos, mas que apareça o primeiro que, na intimidade, se não sinta autenticamente Faustino, e atire a primeira pedra á Aldeia dos Macacos. E ha outra diferença ainda, mas, essa, meramente episodica, E' que enquanto os monos das Larangeiras exibem a nudez forte da verdade, nós nos arruinamos á razão de 800 escudos por cada andaina domingueira que vem ali da Covilhã, com o rotulo de *Made in England*, como se não fôsse mais facil importar fazendas de Londres, do que transportar a Inglaterra para as faldas da Serra da Estrela.

E, demais, ainda ha que distinguir: os macacos dispensam o vestuario porque, raça muito mais apurada do que a nossa, já chegaram á perfeição de nascer vestidos de cheviote. Tivessemos nós igual condão — onde está a felicidade? — e ninguem tornaria a entrar num alfaiate. Exigir-se-ia, quando muito, uma cuidadosa tosquia á *garçonne* dos

adornos capilares, e o cabeleireiro lá havia de deixar o pêlo conforme o frio.

A Aldeia dos Macacos é cada um em sua casa com as suas familias, no conchêgo do lar, olhando para a janela do vizinho defronte, como quem está no Jardim Zoologico olhando para uma jaula, que ambas são obra imortal do sr. Raul Lino.

Nesta opinião abundam igualmente os macacos. Quando a gente se aproxima do fosso, não nos passa despercebido o gesto de desprezo com que eles nos olham e as sibilinas coisas que dizem aos ouvidos uns dos outros. Ainda ha dias os ouvimos:

— Acolá, para além do fosso, é a aldeia dos macacos grandes que nos prestam vassalagem e todos os dias nos vêm ver. E ainda por cima são eles que nos sustentam, que nós não somos trouxas. E' verdade. E até os ha tambem de rabo pelado da banda de cá...

O aviador Lindberg está sendo o assombro do mundo porque, sósinho, com o seu gato cinzento, veio da America a Paris pelo ar. Não se compreende facilmente o espanto. De admirar seria que viesse pelo chão, lutando com a agua, com todas as resistencias do atricto, com as covas das estradas, com os choques de outros veiculos e com a policia do sr. Ferreira do Amaral, de *casse-lete* no ar, mandando-o fazer alto em cada esquina. Vir pelo ar não é façanha que se celebre. Pelo ar andam os passaros e ainda ninguem se lembrou de erigir uma estatua ao pintasilgo, que faz o mesmo todos os dias sem motor.

Lindberg cometeu a façanha porque assim o quiz o aparelho e, se ha quem se assombre da precisão com que demandou a Inglaterra, sem piloto observador que fizesse os calculos de navegação, tambem uma criada de servir desembarcada da provincia

pela primeira vez, na estação do Rocio, foi parar a Belem, sósinha, porque quem tem boca vai a Roma e ela foi perguntando o caminho aos policias de giro. E ninguem se espantou.

O motor do avião, esse sim, merece todos os elogios, mas infelizmente isto de aviação é tudo o que ha de mais semelhante aos concursos hipicos, em que os cavalos é que correm e os premios são ganhos pelos cavaleiros. Do motor ninguem fala, como se fôsse coisa de pouca monta passar trinta e três horas a andar á roda, num esfalfamento. E nem ao menos consta dos telegramas que Lindberg dividiu com ele as duas exiguas sandwichts de que se munira.

Valentia? Coragem? Temeridade? Não se sabe porquê. Lindberg vinha com a certeza de que, mesmo no caso do motor se partir, já tinha ali á mão um gato... cinzento, vivo e pronto para lhe aplicar.

Gloria aos passaros que vôm sem gasolina, sem motor, sem sandwichts e sem gatos cinzentos...

E, feita a laracha que o caso comporta, gloria á maior façanha de aviação que até hoje se tem cometido.



Protestou o comercio do Rocio contra a regularização do transito e a regularização acabou. As mulheres deixavam de subir e de apear-se no Rocio. Quem vinha de carro, seguia até á rua Augusta, se vinha de cima, e até aos Restauradores, se vinha de baixo. Mas porquê, se a regularização facilitava o transito? A explicação é simples. «Pernambuco» perdera os seus encantos, porque a policia não deixava estacionar os mirones que se deleitam com as subidas e descidas dos electricos. E como não havia mirones não valia a pena subir ou descer no Rocio. Elas tinham razão e os comerciantes tambem.

Bem haja o sr. Ferreira do Amaral.

Reabilitou-se «Pernambuco».



José Bruno Carreiro, arauto da autonomia açoreana, segue á risca o rifão — quem quer vai, quem não quer manda

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Se depois da moda das saias curtas pega a das calças curtas para os homens que nos resta a nós os fabricantes de fazendas?
—A folha de parra...



Se Lindberg fez a travessia sózinho com um gato, também eu sou capaz de a fazer com 40 cavalos.



—Antes de nos casarmos chamava-me — meu querido amor e agora já nada me dizes...
—Agradece-lhe porque assim não fere o teu amor próprio.



—Pare lá com isso que o retrato parece-se com um macaco.
—E com quem se parece o senhor?

Memórias dum reporter Bom humor

Do autor

Nasci em Lisboa, em Abril de 1900. Por amor á verdade, devo declarar que nasci *reporter*, com as qualidades que são defeitos nas outras pessoas. A minha primeira pergunta, ainda de cueiros, foi:—«O que ha?». Dez anos depois, em 4 de Outubro, o sr. Brito Camacho quiz plagiar-me e desgraçou-se, politicamente, para sempre, publicando na *Lu'a* a mesma frase.

Dobalde os meus mestres quizeram convencer-me de que a curiosidade era um grande defeito. Se não fosse curioso, não era hoje *reporter*; e se os senhores todos, incluindo os meus mestres, não tivessem o vicio da bisbillotice, não haveria reportagem; não havendo reportagem, não haveria jornais; não havendo jornais, não haveria opinião; e não havendo opinião, o sr. Fidelino de Figueiredo seria—oh! ceus!—o primeiro intelectual do nosso tempo.

Tenho, religiosamente, 27 anos de idade; jornalisticamente, porém, conto quatro seculos—o *Seculo* do Silva Graça, o de Rugeroni, o de Cunha Leal e o das Forças Vivas. Ha nove anos que ando envolvido em muitos misterios, em grandes acontecimentos, em fortes casos emocionais. Observador e investigador, durante este tempo só não consegui descobrir uma coisa: o talento de João Verdades; só não pude compreender outra coisa:

os *pinneaux* da Brasileira do Chiado...

Fazer estilo

Aborreci sempre o trabalho do jornalismo de carteira, especialmente quando era preciso revêr a prosa de outros. A minha era suficiente para me encher de preocupação...

Jorge de Abreu, ao tempo meu chefe de redacção, ordenou-me, porêr, uma vez, que emendasse uma reportagem de M..., informador inteligente, mas tão fraco de finanças como de letras e que andava sempre a lamentar-se de só ganhar 100 escudos por mês. Emendei, cortei e razei dezenas e dezenas de quartos de papel. Tratava-se duma sessão de propaganda republicana, na qual tomara parte o sr. Martins Junior, a quem o informador attribuia, a certa altura, esta frase:

—«Amo a Patria de todo o meu curasão...»

Farto já de emenda, asneiras, orgui-me da mesa, colérico, e apostrofei o *cronista*:

—«Estão o coração de Martins Junior é diferente do seu? O senhor não sabe que não se escreve assim «coração?»

M... não se perturbou e, com uma serenidade que me gelou, perguntou-me apenas:

—«Por 100 escudos ao mês, quem pode escrever com estilo?»

Belo Menino

Grandes problemas

As boas maneiras (B. M.)



ENSINO TEORICO: — Cabo B. M. (flectando): «O qu'ê que boos d'ria se lhe piassem os oalos?». — Guarda: «Eu?... Muito obrigado...»



MANOBRAS NO CAMPO: — Cabo B. M.: «Mais mimo... Mais mimo, seu 39».



PRATICA DE RUA: — Guarda B. M.: «Seu filho de uma senhora de maus costumes, se boos se astreve com as glandulas mamarias dessa Madama, até le parto uma haste do embolamento.»

Um petiz, ao vêr, no lago do Campo Grande, um peixe encarnado, morto, á tona d'agua, disse para um seu companheiro:

—Olha, coitadinho! Com certeza morreu afogado!

Um sujeito, ao vêr passar um enterro, nota que ontre a multidão, seguindo o feretro, vai um seu amigo que já não via ha muito tempo. Atravessa, dirige-se a ele, abraça-o e diz-lhe:

—Homem, ora até que emfim que te vejo!... A tua mulher como vai?

—Vai, vai no coche, como vês...

—!!!

Um provinciano e a mulher vão á bilheteira do Politeama e pedem dois *fauteuils*.

—Quanto custa cada um?

—Qu'nto escudos.

—Isso é muito caro!... Não ha outros lugares?

—Tonho galerias: três mil réis.

—Dê cá duas...

E, no decorrer da representação, como a mulher se debruçasse demais para conseguir vêr melhor, o marido observou-lhe:

—O' filha, toma cuidado, olha que os lugares, lá em baixo, custam 15 escudos...

Julgava-se um homem que tentou matar a mulher:

—Sr. presidente! Eu não a quiz matar. Aquilo foi o mesmo que fazer festas a um gato... Bati-lhe, é verdade, mas foi, imagine, com um lenço de assoar.

—Deixe-o falar, sr. juiz: olhe que ele sempre se assoou á mão.

Um saioio chegado a Lisboa dirige-se a um sujeito e perguntou-lhe:

—O senhor diz-me por onde se vai para o Governo Civil?

—Olhe: atravesse a rua o, quando chegar áquela ourivesaria, parta o vidro da montra, roubo aquele colar, ponha-se a mexer e daqui a dez minutos está lá.

Fala-se de uma conhecido actriz:

—Ninguem ha de dizer que tem trinta anos.

—Trinta anos! No ano passado, no Brasil, tinha quarenta...

—Mas isso ora no Brasil... Já vez: moeda forte...

—Se tu comeres a sopa—diz o pai ao filho—guardo-te um bocado do bolo-rci para amanhã.

Mas as visitas comeram o bolo todo e, no dia seguinte, o petiz desatou num berreiro infernal. Diz-lhe o pai:

—Cala-te! Não julgues que, por fazer essa chiada toda, te vão dar outro bolo.

O pequeno fez uma pausa e disse ao pai:

—Olhe lá. E as viúvas, quando choram, porque é? Não é para lhe darem outro marido?
E continuou a ber'ata.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ALEGREM-SE os amadores do bom teatro e das peças de grande vulto! Ao que corre em bastidores, e os jornais se fizeram eco, na próxima época e no teatro Nacional representar-se-ha uma grande peça, original do um novel dramaturgo de capa e espada, em que a farça e o drama se conjugam para um espectáculo à *sensation*. Intitula-se o novo original *O Resgate do Infante Negro*.

VAMOS ter uma companhia de revista no Coliseu dos Recreios. Já se sabe que os seus empresários, animados das melhores intenções, deslocam-se dos teatros, onde tem estado por espirito de sacrificio geral e de muito respeito, quando ha visinhos a que se no deve fazer concorrência... Que é livie, como cada um sabe. A primeira peça—é o *Cabaz de Morangos*. Será uma cabazada de publico? Isto de salada de frutas depende muito da calda. Se esta for boa—ainda se repete, sem medo de indigestões.

O Variedade, que é um teatro inextinguível de riso, vai montar o *Topa-a-Tudo*. Na primeira representação, o Alegria faz a sua festa artistica, cantando dois fados. Se não molhar muito o *alecrim*—este dará uma flor toda fadista.

O *Cosido á Portuguesa* tem magníficos pratos de resistencia. A estrela Lina Demoel é dos primeiros: acepipes saborosos e maliciosas. A Margarida Ferreira é o bom vinho dos fados puxados ao choradinho. Costinha e Artur Rodrigues são as galhetas—



La iluminada de Dios... y de todos los santos. Caramba!

com azeite e vinagre. Temperam bem. Vamos ao *cosido*, que já nos está a nascer agua na bôca.

O *Turco do Calhariz* desafia o tempo, como os sultões as favoritas. Não ha mal que lhe chegue, até que chegue o Lino Ferreira.

Ora aqui está um homem que precisa viajar sempre de aeroplano para não se demorar...

O *Padre Cura* foi um espectáculo em cheio. Houve confissões e conversões de talento. Tudo bem cantado—como se fosse a missa do galo. Não

admira, a capoeira tem boas franquias...

O *Barro Alto* traz o Armando de Vasconcelos—maluco! Anda perdido. Azares do fado o do teatro. Dos bons, vamos lá com Deus, que os ajada...

O *Perigo Amarello* é uma chinezico hilariante, que dá que fazer a quem n'a ouve. Recomenda-se ás sogras, pelo papel e predominancia que ellas lá teem...

A Raquel Meller, afinal, não esbofeteou ninguém, como é costume. O Erico Braga ficou desiludido, embora tivesse metido empenhos para ser a vitima escolhida. Mais uma vez não ficou celebre...

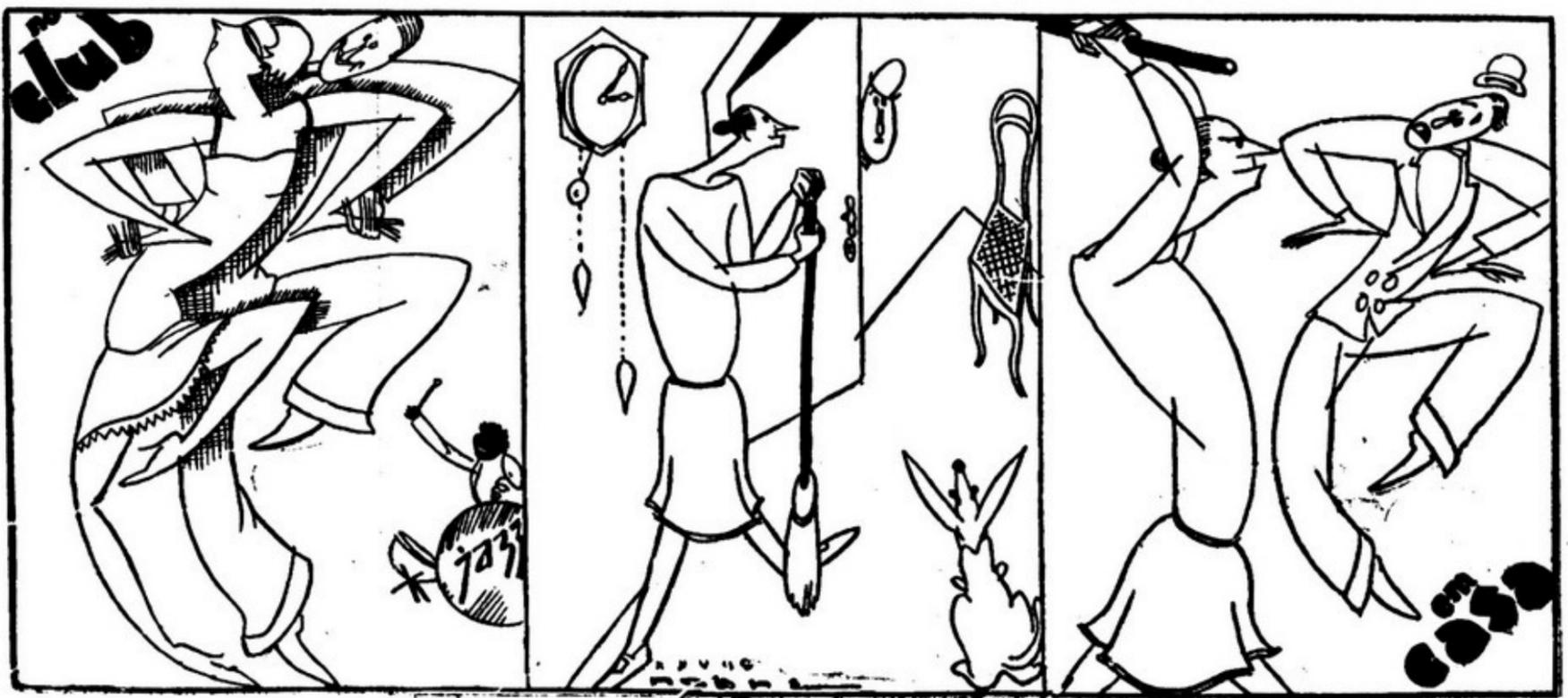
ILDA Stichini e Alexandre de Azevedo—zangaram-se no Porto. Foi uma peça, cuja representação ha muito se esperava. O desempenho foi magnifico e concludente. O pai Pereira suspendeu as garantias, depois de se ter desligado dos acontecimentos.

ALVARO de Andrade, jornalista, e Tomás Colaço, poeta, traduziram *A grã-duquesa e a criada de quarto*. Trata-se dum *vaudeville* de Savoir,—tão interessante que já o quizeram profi...

Como o fruto proibido é o mais appetecido, tenham a certeza que o successo é garantido...

O Homem das 5 horas

“Charleston” familiar



E! A—Gostas de dançar o «chariston»?
ELE—Gosto tanto, tanto...

... que se vou um bocado mais tarde para cá a...

... é já sabido: danço o «chariston» com minha mulher!!!

CANÇÃO NACIONAL

Fado das especialidades

(O TEATRO)

Mote

O Teatro é parca vida
porque é tudo uma ilusão...
quando a peça está sabida,
não dá certo a «marcação»...

Glosas

Passa o pobre carpinteiro
entre a Ribalta e o Tangão,
sobre a Calha e o Alçapão,
trabalhando o dia inteiro.
Num incansável formigueiro
às varandas de subida,
p'ra vêr a corda torcida
na Girela, lá na teia...
—Muito embora não se creia,
o Teatro é parca vida.

Simular a realidade
do hístrião é mister,
seja o riso ou a dôr que fer',
mascara-la co'a Verdade...
E, com arte e habilidade,
falscâr uma intenção,
desde o gesto á expressão,
como tudo fosse ao vivo...
Eis aqui qual o motivo
porqu' tudo é uma ilusão.

Quanta energia e valor,
quanta pestana queimada,
quanto milhar de penada
sai do cerebro do autor!...
Mas quando põe com o actor
a sua idéa bem unida,
vem, no fim l desta lida,
como se fôsse dura pena,
a critica que os envenena
quando a peça está sabida...

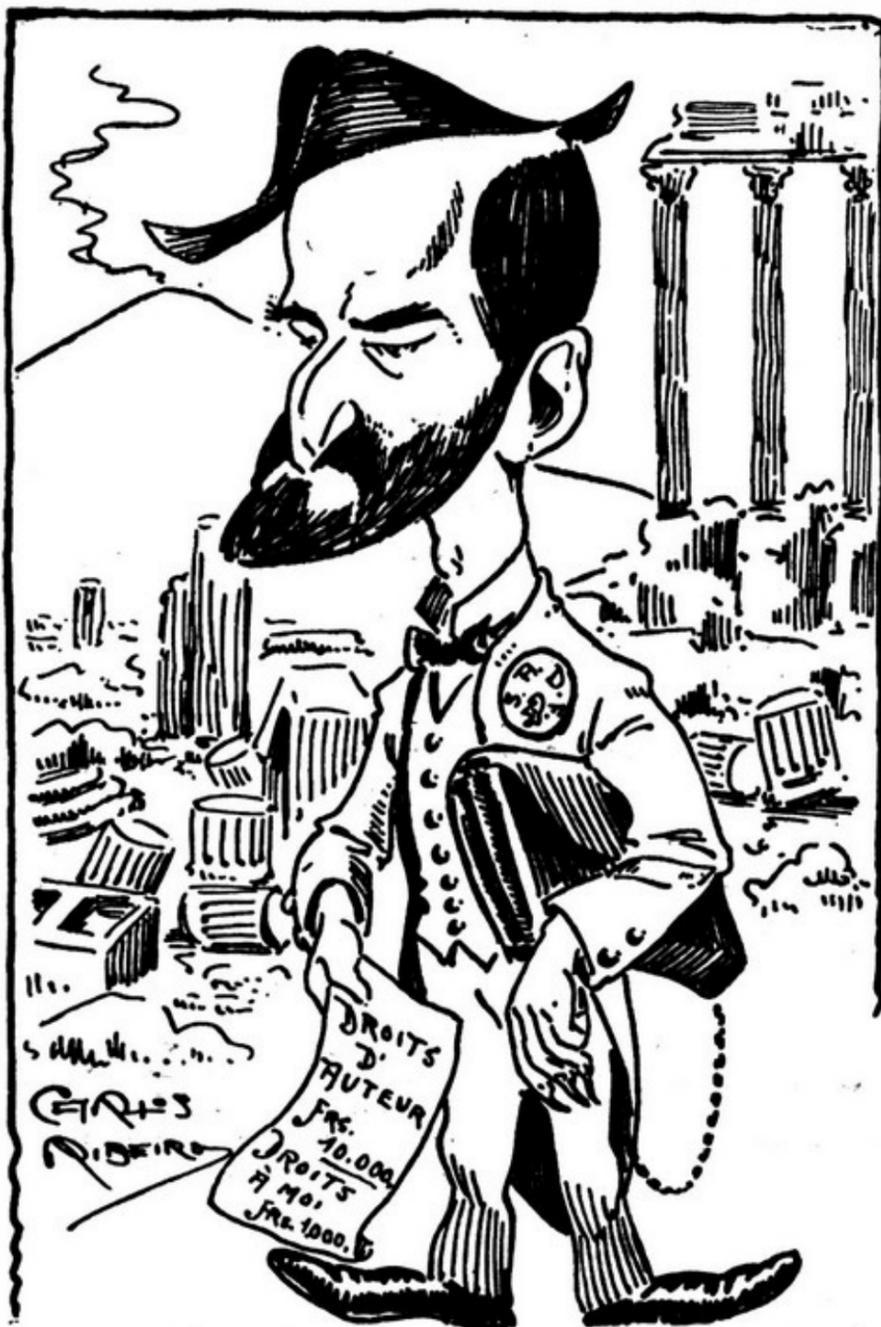
Vibra a orquestra os compassos,
sobe o pano lentamente,
vê-se uma scena imponente
pincelada a largos traços.
Agitam-se muitos braços,
é enorme a ovação,
mas, quando vem o senão
do reverso da medalha,
quando, enfim, a peça falha
não dá certo a «marcação»...

Reporter B.

UMA TOURADA REAL...

Domingo tenho o prenuncio
que o Dom Ruy e mais o Nuncio
—caso não haja um empeno—
levam ao Campo Pequeno
a aficão toda sem falta
para aplaudir o Valatta,
o genuino baturro
que, se é feio como burro,
tem na côrte dos toureiros
um lugar entre os primeiros.
Como peões d'aparato,
traz o Castulo e o Carrato,
que executam maravilhas
co'o trapo e co'as bandarilhas,
e não esquecendo que vem,
no Grupo de Santarem,
como inda não apar'ceu,
o cabo Antonio d'Abreu.
Tem o espectáculo a aumentá-lo
os campinos a cavalo,
que são o Jaime Godinho
mais o Nuncio Joaquinzinho.
Por isto, o cartaz atesta
que, de toiros, esta festa
deve marcar, imponente,
uma colossal enchent'

El Encantador Pires.

As ruínas de Pompei... a Fitas faladas
no Carmo

25 anos de trabalhos forçados na «republica de negros»,
que a Havas descobriu por intermedio de seu
delegado e conhecido explorador Magnique

"UNE AFFAIRE DE CHIFFRES"

O Pompei, que é francês,
Fala tão mal português,
Faz uma tal confusão,
Que fez com que se complique
Essa intrincada questão
Entre a Havas e o Magnique.

E dizia esse advogado,
Num português mascavado,
—Que não ha pachorra ou estudo
Que perceba ou que decifre,—
—«Isto da Havas ser tudo
Apenas question de chiffres!»

P'ra longe vão tais agoiros,
Que a questão não mete toiros,
E, sem meter toiros bravos,
Não mete cifres também,
—A questão é dos centavos
Dos avos que a Havas tem.—

PINHEIRO, maluco.

Tivoli exhibe esta semana um filme
extraído do romance dum folhetinero
em voga: *La Châtelaine du Liban*.
E' claro que o titulo se não deve tradu-
zir, como dizem por ai: *A Corrente
de Relogio do Libano*, mas sim: *A
Castela do Libano*. São doze quilome-
tricas partes, em que os lúsius da Ar-
lette Marchall, a guedelha da Chou-
ra Milena, o camelo do Petrovitch, a
barba indecente do Marcel Soares e
o capachinho do Gaston Modot fazem
o possível para não aborrecer o espe-
tador.

O argumento é uma *bénoitice* co-
mo outra qualquer. Um capitãozinho
ingenuo e bem fardado, uma noiva
chourona... Milena e paciente, um so-
gro de encomenda, com o estomago
tratado a *Fruit Salt*, e, como sempre,
uma mulher que é mesmo uma fatali-
dade.

A acção passa-se no oásis da Pal-
mira, salvo seja, e em Beyruth, onde
ha muito mais arcaia que no deserto.

A Condessa Orloff, presidente da
Liga Internacional contra o Casamen-
to, anda, incógnito, a desfazer as
ilusões de cada um. Possui um cast-
elo com um nome muito arrevezado
e é colecionadora de seduções. Agra-
da-lhe o Domièvre, que é geitoso, e
começa a fazer uma corte descarada
ao rapasinho. A principio, ele hesita,
por não ter ainda o consentimento
da mamã, mas, como a Michelle não
é lá grande coisa, dá-lhe o *tango...tho-
mango* e cai como um patinho.

Houve quem dissesse que ele já le-
vava a sua figada quando foi ao cast-
elo. Não senhor. Foi lá para jogar
á Filipina, mas ninguem está livre
dum desastre que, contra o costume
e para socego dos papás cinéfilos não
aparece muito pormenorizado. A pai-
xoneta começa a tomar proporções as-
tustadoras. Um belo dia, a condessa
arruina-se num negocio de papel zig-
zag, salvo erro. O capitão, prestavel
e amorudo, vai empenhar o *smoking*
e desata a cravar a torto e a direi-
to. Mas os tempos vão fosfóricos e
ele é corrido em pélo. Como ultimo
recurso, vai pedir dinheiro ao ensce-
nador. O Marco de Gastyne fica furo
e aconselha-o a endoidecer.

O juizo volta na parte imediata e,
com ele, uma vontade de ir fazer
qualquer coisa ao deserto que eu não
sei bem explicar. Monta a cavalo num
camelo e vai socorrer o Walter, que
está a dar uma sessão de circo aos be-
dunos.

Uma legenda que, como todas as ou-
tras, é um primor de literatura, afir-
ma que se está desenrolando uma
luta sanhuda e silenciosa. Pode ser
que tenham muita razão, porque eu
não ouvi nada, mas, pelo visto, havia
um tiroteio de crear bicho.

Entre mortos e feridos alguém ha-
via de escapar, e é claro que Domièvre
volta á primeira fórma, isto é: ao es-
tado de convalescente; porque não ha
nada de mais efeito num *écran* que
uma enfermeira carinhosa e toda pé-
cego.

* * *

O Salão Central garante que *O
Amor é Cego*. Quem vê o filme chega
á conclusão de que o amor também
é estúpido, porque é preciso ser ta-
padinho de todo para não reconhecer
á legua a Lil Dagover. Sem querer
melindrar a D. Diana, o Victor não
mostra ter o gosto muito apurado. Se
o caso fôsse comigo, preferia a Evely-
ne, que é como quem diz a Lillian
Hall Davis.

Conrad Veidt também era melhor
se se convencesse de que, quando se
tem cara de malandro, não se pode
ser engraçado.

No programa figura também uma
charada a premio: *Os Desfiladeiros do
Inferno*. Raul Lopes Freire dá alvi-
ças a quem lhe explicar a fita que
a Maria Walcamp e o Franklin Far-
num tiveram a triste ideia de reali-
zar. Deve ser o resumo duma daquelas
películas em quarenta e dois episodios
que, felizmente, ha muito tempo não
temos o desgosto de vêr. Não se pode
ser mais idiota em cinco partes.

Retardador.

Aprensões dum leitor

Sr. Director:

Venho chamar a atenção de V. Ex.^a para dois assuntos que me puzeram o sal na mioleira e que espero V. Ex.^a me explicará no seu jornal, para socego do meu espirito... Eles ali vão, meu querido senhor Director.

O numero do *Diario de Noticias* de 12 do corrente, num substancioso artigo em duas colunas e com *bonetos demonstrativos* (não sei dizer melhor), fala-nos do censo da população de Lisboa e Porto e chega á conclusão de que, quanto ao estado civil, havia em Lisboa, em 1 de Dezembro de 1925, 91.760 varões casados e 89.054 fêmeas nas mesmas condições, acrescentando que, pelo recenseamento actual, se vê que a taxa proporcional aos casados aumenta, ao passo que a proporcional ás fêmeas diminui.

Esta segunda parte ainda eu decifrei, mas a primeira...

Feitos os devidos calculos, eu cheguei á conclusão de que, em 1925, havia 89.054 casais e mais 2.706 varões casados... sem mulheres...

Mas, então—ó ceus!—teriam eles casado uns com os outros?!

Ai, senhor director! Se assim foi... salvemos os rapazes! Que se me vai o senso nesta questão do censo!...

Agora o outro caso.

Ainda no mesmo numero do respeitavel *Diario* deparei com a seguinte local:

Limpo os olhos (porque eu uso oculos, sr. director) e leio por ali abaixo: que um automovel derrubou um carroceiro, que um homem caiu de um andaime, porque lho caiu uma viga em cima, e que um pobre petiz caiu dum primeiro andar!...

Mas então, isto de um carroceiro ir ao ar e cair com a marrada dum automovel, dum operario ir a terra com a marrada duma viga, que também caiu, ou dum petiz cair á rua, talvez com a marrada de um bichano caseiro, é o que se chama aviação perigosa?! Se aviação corresponde a trambulhão... estamos aviados!

Avie-se V. Ex.^a, sr. director, com as suas respostas, antes de eu ir parar a um de 3.^a do Hotel do Telhal, que é proximo da minha terra, porque estas coisas dão volta á pinha.

Muito grato a V. Ex.^a,

Um Saloio de Belas.

Fernando Cabral



Uma batuta senhora do seu nariz e um nariz que é uma batuta

HISTORIAS SÉRIAS DE CASOS ALEGRES

O doente de scisma

Foi com grande custo que se conseguiu levar ao café o magnifico Boaventura Benigno, que não era visível ha seculos e que se vinha de encontrar por mero acaso. Boaventura Benigno, irmão gêmeo do de Gabriel Lautrec, é um homem captivante, embora esteja a entrar na casa em que os anos já contam. Tem todas as qualidades apetecidas, folizmento temporadas por um defeito. Ainda bem, pois um homem que não tivesse essas qualidades era perfeitamente insuportavel. O defeito de Benigno é uma susceptibilidade ridicula a respeito da sua saúde. Julga-se rompo doente, apesar de ser um mocetão vigoroso, capaz de varrer uma feira. Ponso até que ele poderia levar ás coctas, galhardamento, a lepra, a febre tifoide, a colera, a tuberculose e a élefantiasis, sem que a sua constituição ficasse abalada.

Mas, senta-se com um ar tão desolado e pede uma «estrela» com a timidez

primeiras. Olga desposará um modico, que me tratará de graça, com uma dedicação de genro!... Ermengarda será muito feliz, tenho a certeza disso, em ser a mulher dum farmacopola. Ela tem inclinações poeticas. O grande bocal de vidro em forma de urna que adorna o balcão das farmacias, á direita, cheio de agua encarnada, atravez do qual a luz iria ser para ela o simbolo do amor conjugal. E o outro, o da esquerda, tingido de verde, porá na sua alma a esperança doliciosa de vêr o seu paisinho chegar bom depressa a centenario, graças aos remedios que o genro lhe distribuirá, sempre sem lho levar dinheiro e em profusão. Ainda nada decidi a respeito das outras, mas hei de encontrar...

—Podos — sugeri-lhe eu, modestamente — dar Anastacia a um cirurgião...

—A um cirurgião? Porque razão?

—Para te abrir o ventre, quando tu



dum elefantinho a quem o seu avô, agora adulto, levase pela vez primeira ao café.

—Olha lá,—digo-lhe eu para lhe li-songear a scisma—tens um aspecto de boa saúde, de estares agora forte.

—Não julgues isso,—respondou-me ele—as apparencias enganam. Ainda não notaste que as apparencias são sempre enganadoras e que nunca nos devemos fiar nelas? E' tudo quanto sabemos delas. Do ha muito que eu pergunto, nessas condições, porque se espera para as expulsar da sociedade cosmopolita. Se te pareço estar melhor é porque o moral influe no fisico e o meu moral modificou-se felizmente, depois das resoluções definitivas que tomei a respeito do casamento das minhas filhas...

—Qual delas?—interrompi eu—a Olgasinha?...

—Essa mesma.

—Ermengarda?

—A segunda, dizes bom.

—Anastacia?

—Perfeitamente.

—Polyxena.

—Não te posso ocultar nada. E a ultima, a minha querida Ermengarda. Tenho cinco filhas, com effeito, todas elas encantadoras. E para que elas sejam felizes, resolvi casá-las a meu gosto. Só me decidi já para as duas

quizeres, sem necessidade de gastares chavos. Hoje fazem-se operações maravilhosas. O teu genro poder-te-ha trepanar ou tirar-te o estomago, o que por estes tempos de vida cara te permitirá realizar sérias economias...

Boaventura Benigno fez um trojeito.

—Estás a brincar, não é verdade? —preguntou ele.

—Não, nada disso. E olha, como tu não resolvestes ainda nada com respeito ás tuas ultimas filhas, Ermengarda e Polixena, eu, no teu lugar, casaria Ermengarda com um canteiro

—Um canteiro? Porquê?

—Para te fazer um bom mausoleu no dia em que os teus três primeiros genros, á força do cuidados, te mandarem fazer companhia a todas as Boaventuras Benignos ancestrais o que o teu quinto genro, proprietario duma agencia funeraria, te arranjar, a preços desafiando toda a concorrência, um enterro de primeira classe..

Boaventura Benigno, com a ideia de que podia um dia vir a morrer, tomou um ar desfalecido. Levantou-se precipitadamente, emborcando, caixão á cova, o calice da amargura, perdão, —o seu copo de cerveja e escapuliu-se como um espectro.

José PARREIRA.

Tudo quanto Deus faz é bem feito (Lenda bretã)

Era uma vez um rancho de mulheres numa praia da Brotanha. A' volta delas, ria, pulava e guinchava meio cento de petizos. As mulheres ranguavam-se, bramavam e não havia meio de fazer calar os garotos.

Então, uma delas protestou:

—Raio de vida a nossa! E para quê? Para aqueles malvados dos pais estarem ao sol, a dormir a raposeira, enquanto não enche a maré! Todos os males do mundo são para nós, coitadas das mulheres... Sofrer para os ter, sofrer para os criar, sofrer toda a vida! Raio de sorto!

As outras aplaudiam e vai ela continua:

—Raio de vida! Já que nós temos de criar os filhos, de olhar por eles e de aturar os pais, ao menos que fossem eles, os homens, a ter as dores... para sabermos como é!

A Ritinha, casada de um ano, com o meudo no colo, apoiava:

—Assim é que devia ser, sucia de madraços! Se eles soubessem o que são dois dias a gritar sem descanso, não andava aqui nos pulos tanta canalha mouda... Malvados!

—E se a gente fosse ter com o «Santo»?—alvitrou a tia Perpetua.

—Vamos! Vamos!—disseram todas.

E lá foram, pela serra acima, a caminho da ermida onde morava o anacoreta.

Falou uma por todas. Queriam de Deus um favor, uma obra de justiça. Não havia direito! Era uma pouca vergonha... Ao menos, *elas* que tivessem as dores, *elas*, os madraços dos homens... Malditos!

Volveu-lhes o Santo Homem que era uso dizer-se que tudo quanto Deus faz é bem feito, mas que, visto elas quererem, ele pediria a Deus... A proposito, estaria entre elas, ou no povo, alguma esperando «novidade»?

—A mulher do escrivão! A mulher do escrivão!—berraram todas.

Nesse caso,—ficava combinado—esperariam o momento e, so ela ficasse livre, som dores, e, pelo contrario, o marido rabiase com elas, sinal era do pedido ter sido aceite por Deus Senhor... Mas que vissem, que vissem; so tudo quanto ele faz é bem feito, não era prudente pedir um milagre definitivo... Que vissem, que vissem bom...

Passaram elas a rondar a casa do escrivão, espiando o momento critico... Um dia, pela meia tarde, deu-se o facto, sem que a paciente soltasse um queixume.

—Milagre! Milagre!—gritaram.

—Vamos lá vêr a cara do escrivão, —dizia a Ritinha, toda maldosa.

Sobem as mulheres, de tropel, as escadas do tribunal e, ao fundo do corredor, topam com o escrivão, muito socegado, a fumar o cigarrinho pacato... Olharam, não perceberam nada e volveram por outro corredor, a caminho da rua. Ahi é que ouviram gemer e gritar. Era o official do diligencias que se espojava no chão, a bramar que lho arrancavam as tripas... E concluíram:

—Isto não convem; não, senhor, tudo quanto Deus faz está bem feito! Olhem que espigal! Bem dizia o «Santo»!

(Pela copia)

João Zero



O que se diz e o que se não deve dizer

MANOBRAS MILITARES NO CAMPO DO SPORTING

As meias finais do campeonato nacional de foot-ball tiveram este ano o agrément dum abandono de campo por um team inteiro, em meio dum desafio.

Um espectador protestava:

—«Já fui roubado três vezes. No fazi, no bilhete e em quarenta e cinco minutos de jogo.»

Como o empate Benfica-Belenenses obrigasse a um tempo suplementar, o homem acalmou:

—«Estes, ao menos, são honrados. Querem restituir-me o que os anteriores me palmaram.»

Okdemiro Cesar foi, pelo *Diario de Noticias*, encarregado de fazer a reportagem da 1 Volta Ciclista—pela mesma forma como Mario Sant'Ana pode vir a ser encarregado de fazer a critica teatral.

Numa das ultimas etapas—talvez uma das mais emocionantes—o bom do Okdemiro fechava como segue a reportagem:

—«Já estou enjoado de tanto desporto!»

Acabamos de ler a macabra aventura de quatro automobilistas espanhóis, entre os quais um doido—mas um doido verdadeiro, matriculado, oficial, catalogado...

Eis a historia:

Para transferir um doido de hospital, dois doutores alienistas e um guarda tomaram lugar num automovel. O doido, ao lado do guarda, ia quieto. Olhava a paisagem...

Ao volante, um dos doutores guiava—o doido...

O maluco oficial olhava a paisagem e as arvores e os postes telegraficos que fugiam, fazendo *psutt...*

Depois, o que devia acontecer aconteceu. O carro virou-se. Os dois doutores morreram. O guarda ficou gravemente ferido. O doido não teve, sequer, um arranhão.

Levantou-se, tratou do guarda, foi procurar socorros e, depois de tudo acabado, confessou que era doido.

Ninguém acreditou. E, ao que parece, o doido vai publicar um livro em que trata da loucura de certos automobilistas...

Numa colisão, um jogador de foot-ball caiu sem sentidos no campo. Transportaram-no para fora da touca.

Quando deu acôrdo de si, uns amigos inquiriram:

—«Podes levantar-te?»

—«Não posso. Vejo o mundo todo a andar á roda de mim.»

D'ahi a pouco, insistiram de novo.

—«Vê se te levantas.»

—«Não. Ainda anda tudo á roda!»

Estou á espera que passe aqui a rua do Embaixador, para ir para casa.»

Ha dias, o *Maritimo* do Funchal fez um jogo amigavel com o team dos jornalistas.

Referindo-se ao encontro, dizia o comandante Avila de Melo, tesoureiro da Federação Portuguesa de Foot-ball:

—«Com o grupo dos jornalistas é que o team nacional devia treinar sempre. E' o unico onze em que os jogadores não exigem cinquenta escudos por salario perdido...»

Enquanto o barco atravessa o rio, um professor inquire dos conhecimentos adquiridos na escola pelo rapaz que o conduz a remo.

—«Olha lá! Sabes escrever?»

—«Não.»

—«E' lamentavel. Estragaste um quarto da tua vida. Mas, sabes, ao menos, ler?»

—«Não.»

—«Então, metade da tua vida está perdida. E não sabes contar?»

—«Não.»

—«Tens perdidos três quartos de vida—e é lamentavel.»

Houve um redemoinho e o barco

voltou-se. O rapaz e o professor caíram á agua. Enquanto o professor lutava contra as ondas, o rapaz gritou-lhe:

—«O senhor sabe nadar?»

—«Não»—foi a resposta desesperada do professor.

—«Então tem a vida toda perdida!»

Um diario está publicando um dramatico folhetim que é uma das coisas mais humoristicas que se tem feito em letra de fôrma.

Um dos capitulos era essencialmente automobilista. Vossas excoelencias vão apreciar. O protagonista Emilio está empanado:

—«A marcha atraz... A marcha á frente. A primeira velocidade... a segunda! Nada deu resultado. As quatro rodas pareciam soldadas ao solo, immobilizadas como se sustentassem dez toneladas sobre os pneus delicados.»

Que faz o Emilio? Abre o capô.

—«Aquele conjunto de tubos, de vulvulas, de lubrificadores, hipnotizava-o e assustava-o.»

Temos, por conseguinte, o Emilio hipnotizado e assustado ao mesmo tempo, o que não é nada animador. Mas a situação torna-se tragica:

PESADELO



A' sombra da ultima victoria dorme-se bem. O peor são os pesadelos...

—«Um jacto de vapor dissipou-se: o ultimo suspiro do motor. Emilio estendeu prudentemente um dedo para um piston.»

Era uma bela solução. Mas Emilio arrependeu-se:

—«...teve um gesto de desespero e subiu de novo para o carro. Manobrou os comandos e carregou em todos os pedais ao mesmo tempo.»

Em todos os pedais ao mesmo tempo!!! Então quantos pés tem o Emilio? Em todo o caso esta proeza devia ter galvanizado o veiculo. Mas não:

—«O carro não tem um estremecimento.»

Era um carro misterioso, com certeza. Desta apatia, Emilio-o-logico, concluiu:

—«E' a panne!»

Emilio tinha mais razão do que sua punha...

As manobras militares realizadas no domingo, no campo do Sporting, deram um resultado... financeiro.

Houve de tudo:—soldados fardados, soldados á paisana, soldados de jersey e soldados em cuecas.

Nas bancadas, os officiaes eram ás duzias. Nos camarotes, os generais eram aos milhares...

A guarnição de Lisboa desceu ao campo com uma *camouflage* de inteira novidade. Torso branco todo riscado de cores variadas. Era para dar ao inimigo a impressão de zebras orientais.

Mas os espanhóis tambem inventaram uma muito boa. Vestiram-se de rôxo a ver se passavam por lirios ambulantes. E de facto a bola viu-se atrapalhada para dar com eles.

Começou o combate, e passados três quartos de hora verificou-se que a flecha do ataque português precisava de ser toda castigada com quinze dias de prisão disciplinar. Andavam todos a dormir, encostados ás espingardas.

Na segunda parte acordaram, mas desta feita a artilharia não acertava nem uma.

Veiu-se a saber depois que a posição espanhola tinha uma rede de arame fardado e invisível. E como no fim estavam todos muito empatados, houve um armistício, após o que se resolveu prolongar as operações, só para arreliar os generais que já estavam muito *chateados*...

Mais meia hora de *corpo-a-corpo*, e os espanhóis acabaram por perder.

Tambem, quem os mandou disfarçar de Senhores dos Passos?—se eles não *passam* mesmo nada...

Rebola-A-Boia.

Luiza Satanela

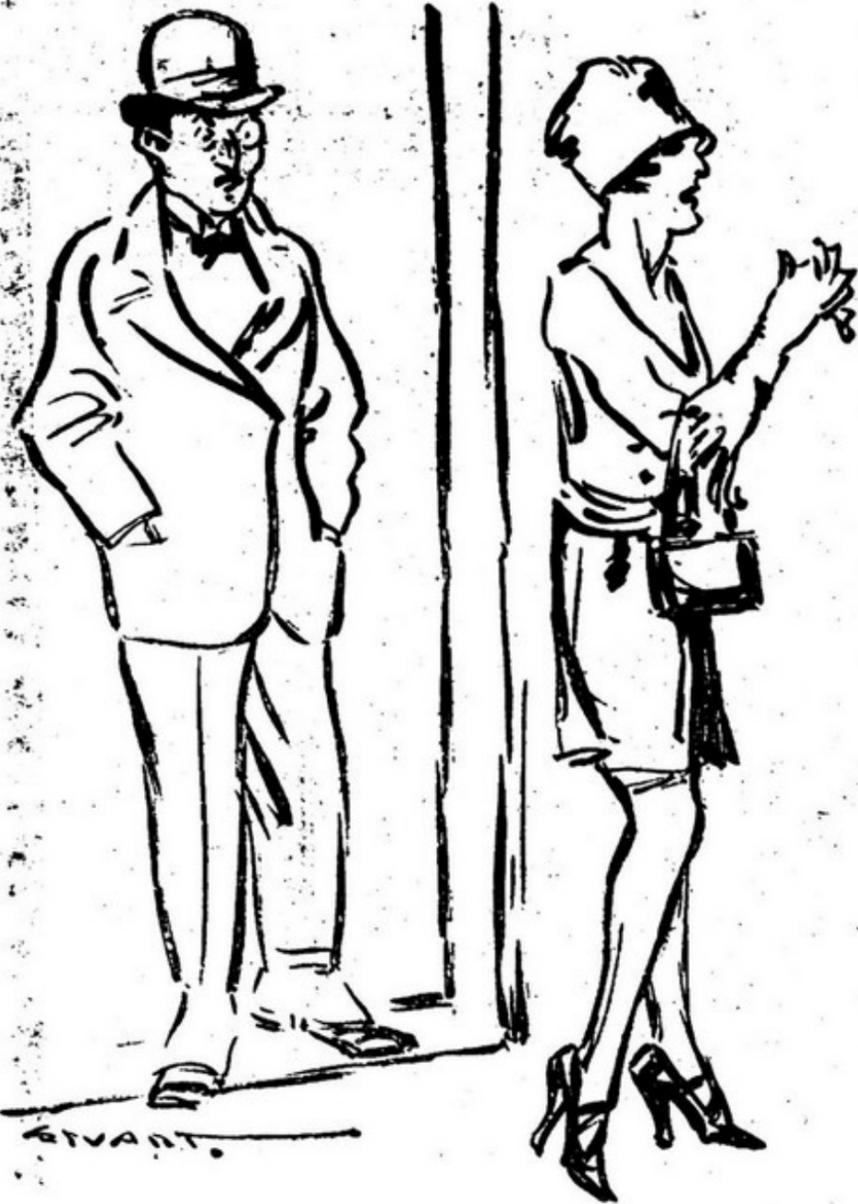


Quando aparece azengada, até o Cura julga que tem Satan...noia

Avelino de Souza



O «Bairro Alto» na alta, em o teatro São Luiz no Bairro Alto



— Não achas que as tuas saias estão muito curtas?
— Não filho, as saias estão boas, as pernas é que são muito compridas.



— Olhe, mamã, vai ali aquela senhora que vende cocanha.
— Cala-te, filha, que ela vem à coca de nós para lho pagarmos a da outra semana.